
PIROUZ EFTEKHARI

Portugal-Irão

A poeticidade e a poesia

55

Porque muitos dos nossos sonhos
foram reduzidos ao que existe e o
que existe é muitas vezes um pesadelo,
ser utópico é a maneira mais consistente
de ser realista neste final de século.

(Boaventura de Sousa Santos)

O poeta é o fruto dum momento particular e dum grande esforço; adoptando uma das atitudes em processo no seu momento, tenta criar sentido através de uma exigência estética, que promove ou reproduz. O sentido não é essência. É a tentativa de se tornar um outro num mundo em transformação permanente. A esta relação com o sensível e com a exigência da sua transformação pode chamar-se *poeticidade*. Afastar-se desta proposição é cair na armadilha do génio ou da inspiração. A poeticidade é apanágio de todo o ser humano. O perigo da armadilha é real na medida em que, como criação que produz a miragem do discurso autónomo, a poesia pretendeu ser muitas vezes uma coisa à parte, quando afinal participa da imanência social.

Uma miragem é uma espécie de anagrama do imaginário. Para pôr os pés neste mundo às avessas, para situar a criatividade individual no movimento colectivo, e para considerar a imanência social no seu dinamismo, deve-se ter em conta

que a subjectividade é fundada, tanto nas representações colectivas, como numa vivência individual do mundo, ancorada numa situação particular.

O percurso define a escrita e esta define, por sua vez, uma poeticidade a percorrer. Imaginem um jovem das classes médias dos anos 60 em Teerão, que procurava realizar a poeticidade que nele sentia. Escrevia novelas em que a vida e os olhos das personagens reflectiam a sua própria vivência. Tinha sobretudo criado dois pequenos seres, minúsculos, dois amigos quase invisíveis, atravessando os espaços da grande cidade de sol escaldante. Passeavam nas avenidas agitadas, depois nas ruas dos bairros sossegados, para chegarem a um beco sem saída, onde se encostavam um ao outro na sombra. Falavam tristemente e ficavam lá, imóveis, olhando para a parede em frente.

Outras vezes, andavam, olhavam à sua volta e discutiam a vida. Aproximavam-se dum forte, uma cadeia penitenciária, onde estavam detidos os presos políticos. Ouviam de longe os seus gritos e as ordens absurdas que lhes chegavam vagamente. Aí, num campo de ruínas que rodeava o forte, os dois seres minúsculos faziam um círculo na sua ronda. Era mais uma vez o impasse da poeticidade na cidade.

O tempo estava morto e o sentido da existência bloqueado; para quê reproduzir então um universo conotativo saturado de formas literárias que traduziam o lamento e o sentimento agudo da perda, nesta cidade onde ele se sentia exilado? A transformação social e a ocidentalização desestruturante tinham mudado fortemente o rosto da cidade. A sociedade tradicional tinha-se afundado. E, no seu lugar, surgia uma situação explosiva criada pelas massas populares excluídas que punham em causa, de maneira cada vez mais radical, uma sociedade de consumo que então se estabelecia. Mas a exclusão condenava sobretudo à incompetência intelectual. A censura obscurecia a paisagem mental. As bocas eram condenadas a calar-se. E as aspirações circulavam clandestinamente, nas veias. As classes médias, tributárias do dinheiro do petróleo, jogavam o jogo, enquanto a repressão política e a pressão da estrutura social as ejectavam para o exterior.

No plano individual, um tio deste nosso jovem tinha-o marcado para sempre: um homem simples e revoltado, condenado a sete anos de prisão por pretencer ao partido comunista. Mas o partido censurava-o por ler *Os miseráveis*, em vez das directivas dos chefes. Era mais um adepto de Victor

Hugo do que um leninista. Na sua infância, o sobrinho ia visitá-lo à prisão com os pais; quando saiu, tratou-o como uma pessoa. Sob um poder despótico que esmagava os jovens, este grande Meaulnes abriu-lhe os olhos à maravilha da amizade. Encorajava-o a ler; falava-lhe durante horas inteiras das coisas da vida; de mil maneiras, tentava ensinar-lhe que era preciso resistir e «nadar contra a corrente». Era agora preciso desfazer-se da sua infância fratricida e encontrar um caminho, apesar do medo. Durante muito tempo, escreveram-se cartas quase sempre controladas e censuradas. Era um ritual visitar o tio na sua terra natal, passear, viajar e reflectir na sua companhia. Mais tarde, numa sua novela, o tio aparecia como uma personagem que começava a ver os membros do seu corpo reduzir-se a uma grande bola, imóvel no canto do seu quarto. A metamorfose era negativista e revelava sempre o mesmo impasse.

Antes de obter uma bolsa de França, licenciara-se em língua e literatura francesas e trabalhara, ao mesmo tempo, como tradutor e crítico para uma galeria de Arte. Apenas a reprodução da sua ocidentalização lhe parecia positiva. Outros jovens queriam combater, politicamente e com armas, o regime do xá; ele preferia seguir o conselho de Senghor, que sublinhava a importância dos homens de cultura ao lado dos políticos. Aliás, como poderia salvar-se do obscurantismo através de uma outra escuridão?

Uma vez em Paris, a ideia que ele fazia do universo francês, criada a partir do registo literário e da idealização de Jean-Paul Sartre, resistiu mal ao seu isolamento de estudante estrangeiro. De que servia viver rejeitado num dos maiores centros do mundo, com um cosmopolitismo roído pela massificação? Mesmo que apreendendo uma nova maneira de estar, agora na sequência do Maio 68. Mas que seria dele sem os cantores franceses dos grandes poetas? Como ficaria sem o olhar dum Vincent Van Gogh?

Os estudos linguísticos da escola de Martinet ajudavam-no a consolar-se com a ideia de que as línguas se distinguem pela particularidade preciosa das suas funções; não exigiam, por isso mesmo, uma igualdade que lhe permitia ter esperança na desgraça? Precisava de um apoio moral e ideológico. E a miragem dessa igualdade atraía-o.

Encontrou finalmente amigos: um casal de portugueses, verdadeiros espíritos sensíveis à causa dos povos. Convidavam-no regularmente a vir visitar Portugal, ainda antes de 25 de Abril. Foi assim que participou na efervescência do movi-

mento social português. Uma terceira história era daí por diante a sua.

Os espaços em ebulição, as luzes e os velhos taxis de Lisboa transportavam-no para Teerão. Os bairros populares, as avenidas onde corriam os desenhos, a estátua fascinante do pescador do Cais de Sodré e as árvores faziam-lhe poemas durante os seus passeios solitários; frases eternas esboçavam-se na sua boca que se abria sem medo e sem vergonha nas ruas: «Quem parte, morre sempre, quem morre, nunca parte». Assim, apreendia de novo a empatia e sobretudo o amor pelas coisas. A poeticidade estava no ar da cidade. O momento era favorável e ele sentia que ficava daí por diante no coração dos homens.

A esta experiência juntou-se mais tarde o que aprendera realmente em Paris, antes de deixar definitivamente a França. Com a Revolução iraniana, teve a oportunidade de aprender com um grande antropólogo o sentido da globalidade e o método que permite circunscrever o lugar de onde falam das suas aspirações os dominados deste mundo; pela primeira vez, compreendeu a particularidade da liberdade e da igualdade que estes reclamam através do urbano; a justiça que eles concebem a partir do singular histórico vivido.

Um grande combatente da causa iraniana ensinara-lhe a desconfiar das elites, e sobretudo dos intelectuais ocidentalizados do mundo dominado. Para gerir o singular histórico no seio do global, há, mais do que nunca, a necessidade dos intelectuais locais; devia escolher o caminho da salvação a partir do não-dogmático. Podia ver enfim uma verdade a partir da qual as suas duas pequenas personagens de outrora poderiam sair do impasse.

Que resta então do sentimento de exílio? Quando se está cercado por bons amigos com quem se vive e trabalha, é um sentimento que se converte em afeição.

Que esta estratégia não seja enganadora. Num mundo onde as fronteiras se tornaram fictícias, nesta pós-modernidade habitada pelo desejo de uma *cultura-mundo* — que una, em vez de rejeitar — somos todos exilados. À nossa frente, a nossa pátria — por inventar. Onde quer que nos encontremos.

A escrita é um país onde se pode escolher, tal como um artesão o seu material, uma arquitectura fónica, o único meio que pode traduzir a poeticidade na poesia. Pode trabalhar-se em monumentos sonoros, que combinem dois registos: o desejo duma cultura-mundo à qual aspiram os excluídos do

mundo e uma poeticidade global que recorre às ciências humanas.

Por exemplo, os meus poemas em prosa são criados a partir do francês — a sua língua do *abstracto*, por assim dizer, e do persa, a sua língua do *substrato*. As frases portuguesas introduzem-se neles e trazem uma terceira dimensão:

Wagues refus de s'éteindre désir de geindre
Wagues des questions constantes idée fixe
Wagues mise en cause du beau fixe
Wagues chevelure de Phénix
Wagues vaisseau fantôme avoir du vague à l'âme
Wagues vaguer au hasard dans la nécessité qui brame
Wagues naviguer les lagunes lointaines de l'effort
Wagues renouveau du corps
Wagues sorts
Ondas - marés de sorte longe da terra

59

موج بر موج بلند! موج بر امواج
سرنوشت در موج و بر دل موجی از آماج

[mowdj bar mowdj é boland amvâdj bar amvâdj]
[sarnêvêchte dar mowdj o bar del mowdji az âmâdj]
(extracto de «Wagues W W W W W W W W»)

Eis a minha pretensão. E o labor está em curso. Confesso que é um excelente exercício poético que me permite não ficar aprisionado numa ilhota linguística. Com efeito, a voz do impulso imediato permanece persa. É depois seguida de uma vontade que analisa e situa as coisas em francês. Um pouco à imagem do acto verbal: a experiência está lá, antes do acto de a pôr em palavras.

Que balanço fazer hoje da poeticidade e da poesia? Não se trata de mais uma ilusão perdida?

A poeticidade só pode traduzir-se em poesia ao trazer uma resposta a uma exigência estética. Convirá então falar de uma arquitectura fónica cuja criatividade e grau de elaboração e de concepção poderiam fazer ramificar e florescer a árvore simbólica da vida.

A problemática da própria poesia é então a seguinte: enquanto a criação artística, nas outras artes, materializa ou representa o sensível através de materiais plásticos, através do corpo humano ou dos instrumentos que se distinguem materialmente do sentido criado, na poesia o sensível é inse-

parável da linguagem e das significações (relações entre significantes e significados). Ou seja, a poesia é inseparável do que é comum a uma comunidade linguística. Se, por um lado, isso constitui um problema, por outro lado, é essa a grande vantagem para o poeta que está a viver uma época de *mass media* e de grande profusão verbal.

Os elementos da arquitectura fónica — a prosódia, as palavras, as suas combinações e o ritmo que criam, a transposição em imagem do sensível e do sopro do pensamento — ocorrem em todo o acto de comunicação. É certo que a forma especial e espacial da poesia a distingue, é certo que a sua intenção estética marca a sua poeticidade, mas, para além disso, é a sua relação com o sensível e com o momento que lhe conferem a sua dimensão simbólica. Os manipuladores da sociedade de consumo, por exemplo, fabricam também poesia. Mas será que esta poesia das mercadorias irá ficar no coração dos homens?

Podemos constatar que a poesia portuguesa, que aspirava ao advento do 25 de Abril e que o seguiu, é uma das mais sedutoras do mundo, precisamente porque se liberta do «mal português» (isto é, a importação de modelos poéticos). É que ela é o fruto dum bom momento, de uma posição particular no mundo mediterrânico e nos seus tumultos da modernidade ocidental; ela é a reivindicação da vivência da solidariedade tradicional portuguesa em desmoronamento; representa o movimento libertário, que impulsiona a sociedade portuguesa no seu desejo de aceder à cultura-mundo. Ora, este bom momento criou uma determinada arquitectura fónica que se apoia no sensível que perpassa esta sociedade, uma arquitectura que se inspira num *elan* utópico.

Assim, e agora numa visão englobante, se considerarmos que a poesia é apenas uma das formas pelas quais a poeticidade se exprime no imaginário social, atrever-me-ia a sugerir algumas distinções provisórias em função do social no qual ela surgiu durante estes últimos cinco séculos: a atitude épica (relacionada com o aparecimento do Estado-nação), a atitude lírica (renovação do individual no colectivo), a atitude libertária (tomada de consciência da dominação e expressão da vivência dos dominados), a atitude transcendente (aspiração à modernidade), a atitude contingente (atomização numa linguagem des-substancializada, a que assistimos no pós-modernismo).

Estas atitudes constituem as ramificações duma dimensão simbólica que mudou também: trata-se, globalmente, de

uma economia de esperança que hoje conhece uma ruptura. Com efeito, estes últimos cinco séculos de modernidade foram marcados por uma economia de esperança, que se desvaneceu com a sociedade de consumo. Todos os temas da poesia (a natureza, o amor, os afectos, o estatuto do poeta, a contestação e a marginalidade) aspiravam à renovação do homem e das relações humanas, à abertura e à comunicação, à beleza e ao futuro. Numa palavra, à renovação do social. Os grandes poetas do passado foram, para o bem e para o mal, positiva ou negativamente, os heróis desta economia de esperança.

As distinções propostas têm apenas um valor explicativo; qualquer tentativa de definição é, com efeito, vã, na medida em que um poema que fica é sempre uma superação: há sempre transgressão (e às vezes regressão) paradigmática na transformação social.

Todavia, houve sempre uma invariável: o olhar transforma-se. À medida que os problemas se nacionalizam e depois se internacionalizam numa escala mundial, à medida que a sociedade tradicional é ultrapassada por relações sociais mais complexas, o olhar poético estiliza uma visão local para se converter numa visão global — para depois recair numa visão estilizada e nela se instalar novamente. O *paisagismo* global, por exemplo, não teria lugar antes do século XX. Houve, com certeza, na poesia visionária transcendente uma tentativa de globalização, que correspondia ao aparecimento da sociedade moderna ou à reivindicação de acesso a esta sociedade.

O mal-estar dos poetas do século XX surge da irrupção dos intelectuais no palco social, bem como do desaparecimento da sociedade tradicional, onde o seu estatuto se concebia a partir da solidariedade comunitária. A civilização técnica é então cantada em tom de queixa — ou de amargura. Os grandes escritores da modernidade retiram-se; tentam criar para si um estatuto através da relação directa com o sensível — para além da linguagem ou no desafio a uma linguagem cujas significações se tornaram obsoletas. Ora, o sensível é cada vez menos portador de esperança. E já não parece haver muitas outras soluções para um mundo tal como as elites o tinham concebido. Sobretudo quando a utopia de uma sociedade sem classes foi claramente traída.

Com o advento da sociedade de consumo, a expressão poética reduz-se por vezes ao luto, aos esgares, à fuga para as estruturas, à lamentação anódina, à expressão da intimi-

dade fingida, ao automatismo dos objectos, num individualismo árido, numa vivência afectada pela in-comunicação. Hoje chegámos aos tiques, aos clics, às retóricas mecânicas; assim, atravessamos o deserto verbal onde as palavras dormem de pé e onde os sentidos dormem, quais cadáveres.

É com certeza um passo em frente em relação a uma ideia cristalizada de literatura essencialista cujo olhar se volta para o passado. Mas as cartas contradizem as regras; poucos são os que inventam um novo jogo. A relação com o sensível é caracterizada por uma posição que se fecha sobre si: o sensível ruiu. A miséria, as violências e o caos corroem-no. O Estado ocupa cada vez mais o espaço das relações humanas, em detrimento do indivíduo e da sociedade civil. A ocidentalização impôs a muitas civilizações a destruição e a morte. No próprio Ocidente, é o impasse: evita-se escolher soluções para problemas criados, difundidos e exportados, para todo o mundo; evita-se atacar as causas, a riqueza é monopolizada e vitimiza os pobres e os excluídos; evita-se pensar seriamente nas possibilidades de sobrevivência na Terra. Procede-se por prorrogação, governa-se por expedientes. No estado actual da complexidade da organização social e dos meios de produção ou de reprodução, tudo isso nos paralisa.

As elites subscrevem, mais do que nunca, a ideologia da prorrogação. Na sociedade de massas, os «técnicos do saber prático» demarcam-se da massificação pela sua própria este-reotípi, deixando os clichés (antigos, tradicionais, ou fabricados para as massas) trabalhar o palco social. Os sentidos, e o sentido da História em particular, estão mortos. Toda e qualquer aspiração a um mundo outro se tornou um mito. Esses «técnicos do saber prático» fazem parte das classes médias e não têm outra referência a não ser a sociedade mediática ou, simplesmente, o consumo. Abrigam-se no seu forte, defendendo só a sua casta, reproduzindo só a sua escola. Para estes «Sentados» (como lhes chamaria Rimbaud), o resto, como na época medieval, são só as águas sujas deitadas pela janela, para uma rua condenada aos fedores. As elites demonstram a mesma atitude perante a linguagem: não pode haver outra linguagem a não ser a das elites: a linguagem culta, imposta nas instituições da promoção social.

Consome-se corpo e alma no ritmo infernal duma sociedade em estilhaços. As formas de solidariedade tradicional desapareceram ou reduzem-se a fantasmas, e poucas coisas

compensam a sua ausência. A poesia está a perder a sua poeticidade.

Petite fiction des temps durs
Nourriture de l'homme que sauve l'ordure
Les rhéteurs bricolent des débris banals
Imposés haut dans ce pauvre carnaval

São urgentes soluções fundamentais perante este desmoronamento. É preciso estar atento. Uma necessidade que se exprime de diversas formas. A exclusão surge hoje com novos sentidos. As classes médias sentem-se culturalmente excluídas devido ao seu isolamento urbano. Mas os indivíduos e os grupos tentam ainda criar uma nova poeticidade. É certo que estas iniciativas nem sempre conseguem quebrar o monopólio da promoção cultural. No entanto, agitam-se surdamente e, às vezes, com brilho, no seio da sociedade civil, na busca de um futuro e de um sentido.

As classes desfavorecidas, essas, agarram-se às representações colectivas e ao imaginário popular para trabalhar a *doxa*, transformar o real e a sua situação.

L'abîme qui sépare le réel et le savoir
Nous le vivons dans les souffrances
(dit le philosophe qui cherche à exprimer l'exclusion)
Le savoir que nous cherchons de mille manières
Doit dépasser le réel que nous vivons dans nos souffrances
(répliquent les exclus eux-mêmes)

O mito forjado pelas elites, ao pretender libertar os escravos sob o sua égide, só pode ser recuperado de uma maneira: a poeticidade exige diálogo e investimento do material poético na cidade, através de uma linguagem acessível e não erudita.

Há que admitir, por outro lado, que os modelos poéticos do passado, mesmo os de um passado recente, já não têm o impacto necessário. Todo o projecto individual, quer ele seja autístico, quer extrovertido, se tornou vão, se não absurdo!

O ritmo que marca a vida no real urbano é massificador. O sistema felicitista, onde a mercadoria é rainha, deforma a natureza do tempo (sobretudo o da afectividade). O espaço não é funcionalizado em termos do humano; a lógica de lucro, que o caracteriza, atomizou o universo dos homens; os meios de comunicação, até há bem pouco concebidos à escala humana, atingiram uma grau de sofisticação que os

dirige apenas para o serviço de uma miragem alienante. Há portanto novas batalhas a ganhar; há portanto, mais do que nunca, a necessidade da poesia e da criação do lugar de uma nova poeticidade.

A poeticidade mais sã, na complexidade actual da procura de alternativas, parece encontrar-se na atitude dos animadores (sobretudo, culturais e sociais) da sociedade civil, que tentam combater uma estrutura bloqueada, para desencadear a transformação. São os verdadeiros animadores da poeticidade na cidade. É assim que eles traçam a *poeti-cidade* do futuro. É esse também o desejo dos pensadores que dialecticamente estudam as estruturas do real. Alguns escritores, em diálogo com eles, têm o mesmo objectivo.

Tantas lutas para que nasça um bom poema!

Temps
Un temps
Après un temps

Vous viendrez
Nous promener
dans le temps
Vous viendrez
Nous promener
Dans les mots
Que vous connaissez tant
Vous ne les prononcez

Temps
Après un temps
Vous viendrez
Nous promener
Dans cette voix
Qui va
QA l'infini
Des bontés
Des beautés
Où les hommes sont temps

Temps
Après un temps
Un jour
Un temps

